

GÊNERO, TEORIA SOCIAL E ANTIGUIDADE: UMA LEITURA SOBRE OS CASTRADOS NO IMPÉRIO ROMANO

Filipe Noé da Silva¹
Pedro Paulo Abreu Funari²

RESUMO: Com o intuito de discutir a importância das teorias sociais para o estudo da Antiguidade, o presente artigo utiliza o conceito de gênero para um estudo específico sobre os homens castrados no Império Romano. Nesta empreitada, por um lado, são destacadas questões referentes à hierarquização das masculinidades dos indivíduos escravizados e que foram submetidos à prática da castração. Por outro lado, enfatiza-se a importância da documentação epigráfica para uma compreensão mais acurada a respeito dos castrados.

PALAVRAS-CHAVE: Castração. Teoria Social. Gênero. Masculinidades. Escravidão Romana.

GENDER, SOCIAL THEORY AND ANTIQUITY: A READING ABOUT THE CASTRATED IN THE ROMAN EMPIRE

ABSTRACT: Aiming to discuss the role of social theories on the study of Antiquity, this article proposes a study on Roman castrated men through the concept of gender. On the one hand, are highlighted the hierarchy of masculinities concerning the enslaved men subjected to the

¹ Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Colaborador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e editor da Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade.

² Professor titular de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

castration practices. On the other hand, the role of epigraphical sources is stressed due to the possibility of a more accurate understanding of the castrated people.

KEYWORDS: Castration. Social Theory. Gender Studies. Masculinities. Roman Slavery.

I – ANTIGUIDADE E CASTRAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO

A castração, a mutilação ou prejuízo voluntário ou involuntário da genitália, é um tema recorrente na tradição textual advinda da Antiguidade. Admitindo um recorte cronológico amplo, a referida prática pode ser observada, por exemplo, na *Teogonia* (v.181-182) de Hesíodo, em sua menção ao mito de castração de Urano, e nos comentários de Agostinho de Hipona, já na Antiguidade Tardia, às epístolas paulinas (*Epistolae ad galatas expositioni liber unus*, cap. XLII). Também é notável a variedade de gêneros textuais antigos que fazem alusão à castração masculina: produções literárias como a comédia “O Eunuco”, de Terêncio, os *Epigramas* (III. 81) de Marcial e o Evangelho de Mateus (19,12) sobre os “*Eunucos por causa do reino dos céus*”, demonstram que a castração era reconhecida e comentada amplamente entre os povos do Mediterrâneo Antigo (KUEFLER, 2001, p.32).

Entre os romanos, em particular, os castrados foram associados a duas características que, por vezes, figuram de maneira relacionada. A primeira delas, já bem conhecida e analisada pelos estudos de Vermaseren (1977), Roscoe (1996), Beard, North & Price (1998), Pinto (2011), e recentemente por Klöckner (2017) e Silva (2020), diz respeito à automutilação genital praticada pelos *galli* e *archigalli*, sacerdotes castrados associados ao culto da deusa Cibele e de Átis, seu consorte. Oriundo da Ásia Menor, o culto à *Magna Mater* foi adotado em Roma por volta de 205/204 a.C. A construção de templos, bem como a oficialização de um festival público (*Megalesia*) dedicado à deusa a partir 194 a.C., atesta a ampla disseminação do seu culto entre os

romanos desde a época republicana (BEARD, NORTH & PRICE, 1998. p.165; ROLLER, 1998).

A segunda característica, por seu turno, diz respeito à (suposta) perda da virilidade por parte dos indivíduos submetidos à castração, independentemente de estarem filiados, ou não, a quaisquer grupos de culto religioso. Em ambos os casos, consideramos possível avaliar as percepções dos romanos sobre quais práticas estão relacionadas à ideia de masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995; 1997) e/ou suas respectivas transgressões. Para tanto, destacamos a importância da teoria social, em particular do conceito de gênero, para uma melhor compreensão sobre os homens castrados no Império Romano.

II – GÊNERO E TEORIA SOCIAL

Não se pode conhecer o passado sem a mediação da teoria social, entendida como as diversas maneiras de interpretar as sociedades, seu funcionamento e transformações. Essas teorias variam no tempo, na medida em que se relacionam às circunstâncias históricas e sociais modernas específicas. Teoria social, termo dominante no mundo de língua inglesa (*social theory*) apresenta a vantagem de ser bem amplo e vago, o que permite incluir reflexões das mais variadas origens disciplinares, da Sociologia, Antropologia, até a Biologia, sem deixar de lembrar a Filosofia, a Linguística, Semiótica, Geografia, sem excluir a História ou a Arqueologia.

O primeiro aspecto explica, assim, que a teoria social tenha sido caracterizada por conceitos racistas e imperialistas: o racismo e o imperialismo das grandes potências na primeira metade do século XX resultavam no uso de tais conceitos para estudar as sociedades antigas. Isso mudou muito desde a descolonização, os movimentos pelos direitos civis, feministas, de respeito à

diversidade de comportamento, entre outros. Em seguida, há que mencionar a crescente interação disciplinar, em geral, e de particular relevância para a teoria social. Isso já se manifestava desde as primeiras décadas do século XX, como fica evidente com a revista dos *Annales* (1929), mas isso vinha de antes, como na *Révue de Synthèse* (1900), de onde surgiu a chamada Escola dos Annales. Com a crescente especialização das disciplinas e subdisciplinas, algo em certo sentido inevitável pela ampliação de objetos em estudo, houve uma movimentação em direção à interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multidisciplinaridade, de modo a congregar esforços analíticos e interpretativos diversos.

A teoria social tem respondido de forma variada às circunstâncias das últimas décadas. Algumas enfatizam aspectos sociais, os conflitos de classe, outros tratam de raça, etnicidade, gênero, sendo, hoje, difundido o conceito de interseccionalidade, a relevância desses diversos temas em sua interação. Isso encaixa-se bem no momento atual de imensa diversidade, conflito e interação de todo tipo. Outro aspecto importante de hoje consiste na noção de fluidez, de que tudo muda e é mesmo contraditório em si mesmo. Para isso, o conceito de gênero tem sido útil para entender o que se passa hoje e se passou em outras épocas. Essa fluidez liga-se, neste caso, a uma ideia de *continuum* entre feminino e masculino. Isso estava presente entre os antigos e as narrativas sobre o Hermafrodito, ou na Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento (Gênesis 1, 27) no mito da criação do ser humano macho e fêmea, que é ambíguo: diferentes até que ponto?

Também em diversas interpretações modernas pode observar-se a defesa desse *continuum* **fêmea/macho** (JOEL, 2020). Tem-se aplicado, de forma fértil, tais noções para o estudo do mundo antigo, para além de conceitos tão normativos e fechados como o de patriarcado. Havia patriarcado, assim

como havia homoerotismo, sociabilidades femininas e subalternas e mesmo secretas. A castração parece mais fácil de ser entendida neste contexto proporcionado pela teoria social: relações de gênero, fluidez, *continuum*, contradições.

III – CASTRAÇÃO E EMASCULAÇÃO ENTRE OS ROMANOS

O tema da castração foi mencionado em inúmeros referenciais literários antigos, e que evidenciam a associação, proposta pelos romanos, entre a mutilação genital e emasculação. A princípio, com o intuito de nos aproximarmos desta temática, o poeta Catulo (87/84 a.C. – 57/54 a.C.) nos servirá de referência e exemplo. Os pormenores biográficos do poeta Caio Valério Catulo são quase todos desconhecidos, exceto pela informação de que nasceu de uma família abastada de Verona, e que foi contemporâneo de episódios singulares da República Romana, como o triunvirato, a Revolta de Espártaco e a Conspiração de Catilina (OLIVA NETO, 1996, p.16). Seu conhecido Poema 63, reproduzido de maneira parcial a seguir, narra sua versão sobre o mito de Átis:

Átis, sobre alto-mar levado em lenho célere,
quando tocou ansioso em Frígio bosque os lestos
pés, no umbroso recinto em selvas, lar divino,
de irada fúria ali tomado, alheio o espírito,
cortou com pedra aguda o peso das virilhas.
Quando sentiu um corpo inerte e não um homem,
manchando chão e terra o sangue tão recente,
nas níveas mãos tomou ansiosa o leve tímpano,
o teu tímpano, ó mãe Cibele, os teus inícios,
batendo em cava pele táurea os tenros dedos,
trêmula, começou cantar às companheiras:

“Ei, Galas!, ide aos altos bosques de Cibele,
ide juntas, errante grei da mestra Díndima (...)

(CATULO, *Poema* 63. 01-13. Tradução de João Angelo Oliva Neto, 1996).

Átis, falsa mulher, assim que às companheiras
canta, o tíaso logo ulula em línguas trêmulas,
leve remuge o tímpano, ocos batem címbalos,
lépidos pés depressa o coro ao Ida verde
vai. E Átis, louca, errante, em delírio, expirante,
por bosque umbroso as guia, acompanhada ao tímpano,
qual novilha que evita, não domada, o jugo;
lépidos pés, ao guia as Galas seguem rápidas;
quando o templo tocaram de Cibele exaustas
do grande esforço caem no sono sem ter Ceres (...).

(CATULO, *Poema* 63. 27-36. Tradução de João Angelo Oliva Neto, 1996).

Para além dos pormenores rituais concernentes ao culto de Cibele, os elementos musicais, o transe e o delírio cerimoniais, a castração de Átis também representaria, de acordo com Catulo, a perda de sua masculinidade (*sine viro*). Nesta tessitura, a referida transformação pode ser observada, por exemplo, a partir do verso 08, quando Átis, agora narrada a partir de referenciais femininos, percebe o sangue no chão e toma ‘ansiosa’ (*citata*) os tímpanos pelas mãos. Como destacou Roller (1998, p.128), a perda da virilidade o aproxima do sexo feminino. Para Catulo, ademais, Átis teria se transformado em uma mulher ilegítima, falsa (*notha mulier*). Efeminado, o eunuco já não poderia participar da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995; 1997), uma vez que os protocolos sociais de virilidade dos romanos reivindicavam dominação social e sexual em relação às mulheres e a outros

homens que não eram detentores de pleno direito (WILLIAMS, 1999, p.141). Como demonstrado por Michel Foucault (1984, p.269), os quadros sociais de poder dos homens deveriam ser reproduzidos também durante o sexo. Não era permitido a um homem livre ser penetrado sexualmente, ou tampouco ocupar um papel subserviente durante as relações sexuais. Os estudos de Eva Cantarella (1991, p.134), Craig Williams (1999, p.30-31), Paul Veyne (2008, p.230), assim como o ensaio de Jean-Thuillier (2013, p.84), ressaltam que esse papel, segundo os antigos romanos, deveria ser ocupado por pessoas que ocupavam um *status* social inferior ao do *vir* romano, tais como escravos e prostitutas de ambos os sexos, mulheres, libertos/as e estrangeiros/as.

Aos homens que não cumprissem os referidos protocolos morais sobre o sexo, eram dirigidas uma série de insultos e ofensas que podem ser observados na tradição textual antiga. Termos pejorativos como *cinaedus* e *pathicus* eram comumente atribuídos àqueles que eram penetrados durante o ato sexual. Outros comportamentos, no entanto, poderiam resultar em críticas por parte de escritores romanos como Marcial e Juvenal: o modo de andar, a vestimenta e os hábitos vaidosos, de acordo com Williams (1999, p.127), poderiam ser levados em conta na caracterização dos indivíduos como efeminados, *delicatus*, *mollis*, entre outros termos. O domínio sobre si próprio e sobre os outros (WILLIAMS, 1999, p.141), portanto, eram comportamentos básicos esperados daqueles que desejassem usufruir desta masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995; 1997).

Não sabemos a real aceitação e cumprimento desses preceitos dentro da heterogênea sociedade romana. Para Williams (1999, p.54-55), Feitosa (2005) e Pinto (2012, p.114), essas proposições não devem ser tomadas como um retrato fidedigno das práticas sexuais masculinas no Império Romano, mas sim como um conjunto de prerrogativas circunscrito a grupos

sociais específicos formados por médicos, filósofos e poetas. Seja como for, é inegável que a mutilação genital masculina, conforme observado no Poema 63 de Catulo, representava um rompimento com as posturas associadas à virilidade pelos romanos (PINTO, 2011, p.195). Efeminado, o eunuco não pode participar da *masculinidade hegemônica*. Tampouco pode ser considerado uma mulher legítima: ao narrar o mito de Átis, Catulo (63. 27) denomina o castrado como *notha mulier*, uma mulher ilegítima.

Para Roller (1998, p.128) e Kuefler (2001, p.32), os eunucos constituiriam, assim, um grupo social específico que extrapola e desafia os limites das categorias masculinas e femininas propostas pelos romanos. Essa perspectiva pode ser cotejada, por exemplo, com um pequeno excerto da *História Natural* de Plínio o Velho (23/24 d.C. – 79 d.C.) sobre a presença de testículos nos seres humanos e em outros animais. De acordo com o naturalista latino: “*Apenas no homem, por motivo de lesão ou por causas naturais, eles são destruídos. Deste modo, a partir dos hermafroditas e dos castrados, há um terceiro gênero de semi-homens*”³.

Considerando que os indivíduos castrados (*galli* ou não) ocupam uma posição contraditória e transgressora ante às definições antigas sobre os papéis sociais de homens e mulheres, parece-nos profícuo, também, um diálogo com os referenciais oferecidos pelas teorias *Queer*. Iniciados sobretudo na década de 1980 (MISKOLCI, 2012, p.22-23), os estudos concebidos sob esse signo têm se dedicado à experiência histórica e social de pessoas que não se reconhecem enquanto pertencentes às configurações heteronormativas de gênero e sexualidade (MISKOLCI, 2012, p.25; PINTO, 2012B, p.47; LOURO, 2013, p.20). Por vezes utilizado com o objetivo de ofender os indivíduos

³ Tradução nossa. No original: (...) homini tantum iniuria aut sponte naturae fraguntur, idque tertium ab hermaphroditis et spadonibus semiviri genus habent” (PLIN. Nat. XI. 110).

pertencentes a grupos sociais que extrapolavam a heteronormatividade, o termo *Queer* foi adotado com certa prontidão pelos movimentos sociais e também pelas produções acadêmicas. Seu uso representou (e ainda representa), a um só tempo, o combate ao conservadorismo, ao preconceito e perseguição social intensificados à época do governo de Ronald Reagan, mas também o acolhimento das múltiplas identidades sexuais reconhecidos como incompatíveis com os modelos heteronormativos (PINTO, 2012B, p.47).

A narrativa sobre Átis no Poema 63 de Catulo sugere a prática de autocastração. Para além dos procedimentos de castração voluntária e/ou associados a quaisquer procedimentos rituais presentes em narrativas mitológicas, no entanto, convém destacar que a mutilação genital poderia ser aplicada aos homens escravizados. Além dos relatos biográficos de Suetônio (Suet. *Ner.* XXVIII) sobre Esporo, o escravo castrado que Nero desejava transformar em uma mulher (TOUGHER, 2021, p.34), a documentação jurídica romana também permite-nos observar certa proximidade entre escravidão e castração no Império Romano.

De acordo com o jurista Ulpiano (DIGESTO. XLVIII. 08.04.02), a lei contra a mutilação genital vigente sob o governo do imperador Adriano (117 d.C. – 138 d.C.) se mostrava contrária à referida prática, fosse ela aplicada de maneira voluntária ou não, em homens livres ou mesmo reduzidos à condição servil:

Idem Divus Hadrianus rescripsit: “Constitutum quidem est, ne spadones fierent; eos autem, qui hoc crime arguerentur, Corneliae legis poena teneri, eorumque bona merito fisco meo vindicari debere; sed et in servos, qui spadones fecerint, ultimo supplicio animadvertendum esse (...) Nemo enim liberum servumve invitum sinentemve castrare debet; neve quis se sponte castrandum praebere debet. At si quis adversus Edictum

meum fecerit, medico quidem, qui exciderit, capitale erit, item ipsi, qui se sponte excidendum praeibuit (DIGESTO. XLVIII. 08.04.02).

O mesmo Divino Adriano escreveu em resposta: “De fato, já está constituído que não se fizessem castrados. E aqueles que forem denunciados por esse crime devem ser punidos pela Lei Cornélia e seus bens devem ser reivindicados para o meu fisco; Mesmo aos escravos que fizerem castrados devem ser punidos com o suplício (...) Ninguém, portanto, deve castrar homem livre ou escravo, com ou sem consentimento. Ninguém deve se disponibilizar à castração. Aquele que descumprir meu edito, inclusive o médico, será submetido à pena capital. O mesmo vale para aqueles que se disponibilizarem prontamente e de forma voluntária para a castração” (DIGESTO. XLVIII. 08.04.02. Tradução nossa).

Além da condição social das pessoas castradas, o documento jurídico em questão também nos permite uma breve avaliação sobre os termos associados à prática da castração. O eunuco é identificado pela palavra *spado*. Derivado da palavra grega σπάδων, o vocábulo *spado/spadonis* é empregado em latim para denominar um indivíduo (ou mesmo um cavalo) castrado, eunuco, feito impotente e impossibilitado de se reproduzir (ERNOUT & MEILLET, 2001, p.1126). Associado ao verbo σπάω, cuja amplitude semântica inclui “arrancar”, “rasgar”, “remover”, a palavra *spado* estaria a sugerir um homem castrado cuja remoção do pênis e/ou dos testículos teria ocorrido mediante ação cirúrgica (KUEFLER, 2001, p.33). Seu uso, no entanto, também foi evidenciado em referência a indivíduos nascidos com má formação da genitália masculina (KUEFLER, 2001, p.33).

O verbo *excido*, formado por “ex” e “caedo”, também foi empregado no edito jurídico. Este vocábulo, no entanto, não carrega originalmente

referências diretas à remoção genital. Ao contrário, refere-se à ação de “remover”, “separar ou extrair por meio de corte”. Na literatura latina e em outras determinações jurídicas similares àquela registrada no Digesto, no entanto, seu significado esteve associado à prática da castração (GLARE, 1968, p.634). Embora esteja associado a significados mais genéricos, tais como “cortar” e “arrancar”, o verbo latino *castro/castrare*, no entanto, é mais preciso e se refere à debilitação da capacidade reprodutiva, à castração propriamente dita⁴. Assim como o *spado/spadonis*, ou *excido/excidere*, o verbo *castrare* tampouco apresenta alguma referência precisa sobre quais partes ou órgãos masculinos eram removidos durante a prática. Ao comentar a permanência do regozijo sexual nos eunucos a partir de seu membro viril, o médico Galeno (*UP*. 14.11), entretanto, parece-nos sugerir a presença do pênis, mas não de testículos.

A compreensão sobre a proximidade entre escravidão e castração para além da emasculação sugerida pelas fontes literárias, no entanto, requer uma ampliação de nosso *corpus* documental. Nesse sentido, a utilização da documentação material, especificamente dos registros epigráficos, permitirá uma aproximação histórica mais acurada sobre os escravos e alforriados submetidos à castração.

IV – LIBERTOS E CASTRADOS NA EPIGRAFIA LATINA: APROXIMAÇÕES

Apesar de as fontes antigas fazerem menção à suposta perda de virilidade dos indivíduos castrados, a documentação epigráfica referente aos ex-escravos submetidos à castração, no entanto, não apresenta menção

⁴ Conforme registrado nas Etimologias de Isidoro de Sevilha (Etim. XII.2.21), escritores latinos como Cícero, Juvenal e Plínio o Velho acreditavam que o nome do castor também fosse derivado do verbo *castrare*. O motivo para isso seria a autocastração (supostamente) praticada por este animal, que removia os próprios testículos ante à ameaça de um caçador.

a esse aspecto. Esse aspecto parece-nos relevante na medida em que as lápides, dotadas de inscrições e representações iconográficas, objetivavam à perenidade (FUNARI & OMENA, 2015), mas também à comunicação sobre a individualidade pretendida da pessoa sepultada ou por suas pessoas próximas (PETRON. *Sat.* LXXI. 08-12). Duas inscrições de tipo funerário, pertencentes a pessoas castradas e egressas da escravidão nos permitirão observar quais características teriam sido escolhidas para rememoração póstuma:



D(iis) M(anibus) / T(ito) Fl(avio) Aug(usti)
lib(erto)/Parthenopaei/Popp(a)eani eunuchi
/ab ornamentis /vix(it) ann(os) LXXV /T(itus)
Fl(avius) Nicephorus/lib(ertus) patrono
sanc/tissimo et pientis(simo)/bene merenti/
fecit.

(CIL VI, 08954).

Local: Roma. **Data:** 69-100 d.C.

Dimensões do monumento: Altura: 92 cm.
Largura: 48 cm.

Local de Armazenamento: Roma - Museu Vaticano, Galleria Lapidaria.

Aos deuses manes. Dedicado a Tito Flávio Partenopeu Popeano, liberto de Augusto, eunuco e auxiliar de vestimenta. Viveu por setenta e cinco anos. Tito Flávio Nicéforo, liberto, fez [este monumento] para o mais venerável, piedoso e benemerente patrono (Tradução nossa).

Imagem 01: Altar funerário dedicado ao liberto e eunuco Tito Flávio Partenopeu Popeano. **Foto:** Manfred Clauss *Epigraphische Datenbank*

O epitáfio Tito Flávio Partenopeu Popeano apresenta referência explícita à sua condição de ex-escravo e eunuco. Como parte das próprias contradições da escravidão antiga, o defunto homenageado nesta lápide ocupa, a um só tempo, as posições de liberto e proprietário de escravos. Sua atuação laboral, nesta inscrição, é registrada como *ab ornamentis*, e não

como *ornatrix* (denominação comum em epítafios de mulheres), para indicar que, em vida, o liberto era um auxiliar doméstico encarregado da vestimenta e das joias do/a proprietário/a da casa. Essa condição, aliás, também pode ser observada noutro registro epigráfico: ainda que fragmentada, uma inscrição (CIL VI, 04238) do *columbarium* de Lúvia (GROTHAUS, 1979) indica a presença de um *eunuchus* dentre os muitos trabalhadores domésticos a serviço da família imperial. A associação entre castração e escravidão ainda pode ser observada noutra inscrição, de Roma, datada do início do principado:

D(is) M(anibus) s(acrum) / Cl(audio) Felici / eunuc(h)o / Act(es)
lib(erto) / v(ixit) a(nnos) L / lib(erta) p(osuit) b(ene) m(erenti).
(CIL VI, 08847). **Local:** Roma.

Consagrado aos deuses manes. A Cláudio Félix Actes, liberto e eunuco. Viveu por cinquenta anos. A liberta fez [este sepulcro] para o benemerente (Tradução nossa).

A inscrição não apresenta detalhes sobre as circunstâncias e motivações para a castração do liberto Cláudio Félix, ou mesmo detalhes sobre sua atuação laboral. Tampouco há menção a qualquer associação ao culto da deusa Cibele, na condição de *gallus* ou *archigallus*. À ausência de elementos profissionais ou religiosos que ‘justifiquem’ sua mutilação genital, pode indagar-se se a referida prática não é decorrente de algum castigo físico a que os vulneráveis corpos escravos estavam sujeitos. Pode observar-se, por fim, que o referido eunuco também teria sido o proprietário de uma mulher escravizada. Já na condição de liberta, ela dedica um monumento funerário ao patrono que viveu por cinquenta anos. Este exemplo mostra bem, ainda, a relevância de um conceito como interseccionalidade, aos termos gênero e classe em interação de maneira original.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A castração é um tema às vezes distante e abstrato. Esquecemo-nos dos cantores *castrati*, comuns por muitos séculos, sendo os mais recentes do início do século XX (MICKENS 2015), ou da anedota de Eusébio (260-339), em sua *História Eclesiástica* (6.8) sobre a castração de Orígenes (185-253), o grande autor cristão. Castrados foram ubíquos em diversas sociedades e épocas, em particular em haréns, mas não apenas. Há numerosos homens castrados, hoje, mundo afora, por motivos médicos, acidentes, punições legais ou extralegais, religiosos, entre outras situações.

A utilização da cultura material como fonte primária para o estudo dos castrados, conforme procuramos demonstrar por meio desses breves exemplos, oferece a possibilidade de conhecermos (por vezes dentro dos limites impostos pelo próprio documento epigráfico) um pouco sobre a trajetória e atuação quotidiana, laboral, dos escravizados submetidos à castração. Ao passo que a documentação textual apresenta digressões a respeito das questões de gênero, quase sempre fazendo menção à (suposta) emasculação dos escravizados submetidos à castração, as inscrições (no caso, funerárias) registram, sobretudo, aspectos relacionados à trajetória de vida desses indivíduos, e tampouco corroboram as hierarquias de gênero arroladas pela tradição textual. Neste contexto, os castrados estudados neste artigo podem servir para lembrar como o passado serve, também, para refletir sobre o presente e mesmo para agir por um futuro diferente. As diferenças podem servir para o convívio. Se tivermos contribuído para isso, estaremos contentes.

REFERÊNCIAS

Documentação Antiga

- BÍBLIA. *Novo Testamento*. Os quatro evangelhos. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GALENO. *Del uso de las partes*. Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 2010.
- GARCÍA DEL CORRAL, Ildefonso. *Cuerpo del Derecho Civil Latino*. Castellano-Latino. Primera Parte. Instituta-Digesto. Barcelona: Jaime Molina Editor, 1889.
- HESIOD. *Theogony. Works and days. Testimonia*. Edited and Translated by: Glenn W. Most. Loeb Classical Library. Harvard: University Press, 2006.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologías*. Edición Bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.
- MARCIAL. *Epigramas*. Tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2000.
- OLIVA NETO, João Angelo. *O livro de Catulo*. Tradução comentada dos poemas de Catulo. São Paulo: EDUSP, 1996.
- PLÍNIO EL VIEJO. *Historia Natural*. Libros VII-XI. Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 2003.
- PLINY. *Natural History*. Vol. III. Libri VIII-XI. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1940.
- SANTO AGOSTINHO. *Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos; Explicação da Carta aos Gálatas; Explicação incoada da Carta aos Romanos*. Coleção Patrística. Vol. 25. São Paulo: Editora Paulus, 2009.
- SUETONIUS. *The Life of Caesars; The lives of illustrious men*. Vol. II. Loeb Classical Library. Harvard: University Press, 1924.

Bibliografia

- BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome*. Volume I: A History. Cambridge: University Press, 1998.
- BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome*. Volume II: A Sourcebook. Cambridge: University Press, 1998.
- CANTARELLA, Eva. *Segun natura*. La bissexualidad en el mundo antiguo. Madrid: Ediciones Akal, 1991.
- CONNELL, Robert. *Masculinities. Knowledge, power and social change*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, Robert. "La organización social de la masculinidad". *Isis Internacional*. Ediciones de las Mujeres, n. 24, 1997. p. 164-183.
- ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001.
- FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor e Sexualidade*. O masculino e o feminino nos grafites de Pompéia. São Paulo: Editora Annablume, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Volume II. O uso dos prazeres. São Paulo: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Volume I. A vontade de saber. São Paulo: Edições Graal/ Paz e Terra, 1988.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; OMENA, Luciane Munhoz. Lamento e dor: tradução do epitáfio de Lúcio Trébio Divo (Séc. III-IV d.C.). *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*. Nº 29. Campinas. 2015. p.195-206
- GLARE, P.G.W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GROTHAUS, Helke Kammerer. Camere sepolcrali de' Liberti e Liberte di Livia Augusta ed altri Caesari. *Mélanges de l'École française de Rome*. Tome 91, N 01. p.315-342.
- JOEL, Daphna. Beyond sex differences and a male-female continuum: Mosaic brains in a multidimensional space. *Handbook of Clinical Neurology*. Volume 175, p. 13-24.
- KLÖCKNER, Anja. *Tertium genus? Representations of religious practitioners in the cult of Magna Mater*. De Gruiter, 2017. p.343-384.

- KUEFLER, Mathew. *The manly eunuch*. Masculinity, gender ambiguity, and Christian ideology in Late Antiquity. Chicago/London: University of Chicago Press, 2001.
- MICKENS, Leah. "Theology of the Old Body: The Castrati, the Church, and the Transgender Movement." In *Free Inquiry - The Journal of the Council for Secular Humanism*. Vol. 35, No. 5 (July 2015).
- PINTO, Renato. *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese de doutorado apresentada ao IFCH/Unicamp. Campinas, 2011.
- PINTO, Renato. O 'crime' da homossexualidade no exército e as representações da masculinidade no Mundo Romano. In: CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M.; SILVA, E.C.M. (Orgs.). *História Militar do Mundo Antigo: Guerras e Cultura*. Volume III. São Paulo: Editora Annablume, 2012A. p. 109-132.
- PINTO, Renato. Museus e diversidade sexual. Reflexões sobre mostras LGBT e *Queer*. *Revista de Arqueologia Pública*. Nº 05. Campinas: Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/NEPAM/Unicamp), 2012B. p. 44-55.
- PINTO, Renato; PINTO, Luciano C.G. Corpos emasculados, corpos sagrados: dos sacerdotes de Cibele ao Travesti de Catterick. In: FUNARI, P.P.A; MARQUETTI, F.(Orgs). *Corpo a corpo. Representações antigas e modernas das figuras humanas*. São Paulo: Editora FAP/ Unifesp, 2014. p. 109-131.
- ROLLER, Lynn E. The ideology of the Eunuch Priest. In : WYKE, Maria (Ed). *Gender and the body in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998. p.118-135.
- ROSCOE, Will. Priests of the Goddess: Gender Transgression in Ancient Religion. *History of Religions*. Vol. 35, Nº03. Feb. 1996. p.195-230.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Nº 20, v. 02. Jul/Dez de 1995. p. 71-99.
- SERBAT, Guy. Introducción general. In: PLÍNIO EL VIEJO. *Historia Natural*. Libros I-II. Madrid: Editorial Gredos, 1995. p.07-199.

- SILVA, Glaydson José. Aspectos de cultura e gênero na *Arte de Amar* de Ovídio e no *Satyricon*, de Petrônio: representações e relações. Dissertação de Mestrado apresentada ao IFCH/Unicamp. Campinas, 2001.
- SILVA, Semíramis Corsi. 'Por que de Galo, então, chamamos quem se castra?' Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano. *Revista Mare Nostrum*. Vol.11, Nº01, 2020. p.281-316.
- SURTEES, Allison; DYER, Jennifer. *Exploring gender diversity in the Ancient World*. Edinburgh: University Press, 2020.
- TOUGHER, Shaun. *The Roman Castrati: Eunuchs in the Roman Empire*. London: Bloomsbury Academic, 2021.
- VERMASEREN, Maarten Jozef. *Cybele and Attis: The Myth and the Cult*. London: Thames & Hudson, 1977.
- VEYNE, Paul. *Sexo & Poder em Roma*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.
- WILLIAMS, Craig Arthur. *Roman Homosexuality. Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity*. Oxford: University Press, 1999.